

Racialização e Processos de Escolarização : As Histórias de Vida como ferramenta emancipatória de si *com* o “outro”

Celinalda Mesquita Santana, Universidade Federal Fluminense, PPGEDUFF¹

“Só aprende quem respeita”

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo utilizar a História de Vida, na perspectiva oferecida por Martucelli (2020) quando descreve a Biografia Extrospectiva, como ferramenta que possibilita pensar sobre as sociabilidades construídas nos processos educativos quando vividos à luz dos *desafios o pruebas* enfrentadas no processo de individuação. Para tanto, a autora recorre aos vestígios presentes em sua memória dos diferentes espaços educativos que “atravessaram” a sua formação até aqui, em especial aquelas atinentes ao processo de racialização, perspectivando buscar olhares, escutas e interlocuções “outras” sobre si, e com os/as leitores e leitoras, acerca das histórias vividas em seu processo de escolarização.

Palavras-chave: História de Vida, Biografia Extrospectiva, Individuação, Racialização

Me recordo que chamávamos ela de “Tia Zeza”. Ela tinha vitiligo e essa imagem nos causava curiosidade e um afeto especial por uma professora que já ali, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, desafiava a racialização e colorismo com uma pele de diferentes e belos tons, me fazem hoje pensar que as marcas do racismo estrutural estão nos mais diferentes interstícios das nossas vidas. *A empresa colonial é implacável. No decurso da vida, somos submetidos, e submetidas, a “um duplo processo: inferiorização econômica antes, epidermização dela em seguida.”* (Munanga, 2020)². Por vezes, ele não nos é perceptível, mas lá está, configurando nossas subjetividades e, por decorrência, nossas trajetórias de vida e processos formativos e determinando, de modo relevante, nossas intersubjetividades.

A transição do quintal da “Tia Zeza” para uma escola particular em São Gonçalo foi traumática, marcada pela xenofobia também tão presente em nossas relações interpessoais e profissionais marcadas por relações de poder, onde os territórios dos quais somos oriundos também impõem limites à produção da vida. Contudo aqui,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF)

² MUNANGA. Kabengele. *Negritude, Usos e Sentidos*. 4ª. ed. 2ª. reimp. Editora Autêntica. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: 2020.

apesar de ainda afetada pela lembrança desses episódios, concilio com Martucelli (2020)³ quando diz que o objetivo do trabalho com as biografias extrospectivas e suas potentes contribuições para um processo de individuação, “*es lograr que cada actor explore, gracias a un conocimiento singularizado de la sociedad y de las relaciones sociales, su máximo posible de acción.*” (p.90).

Os processos de socialização vividos na escola particular próxima a casa em que morávamos na vinda de Salvador, em 1974, não foram facilitados pelo belíssimo, julgo eu, sotaque nordestino. Eu era “a baiana”, “boca grande”, “neguinha”, dentre tantos outros adjetivos que me traziam sofrimento e que deviam ser enfrentados como “brincadeiras ruins” onde, segundo meus pais, “nos dando ao respeito” teríamos respeito em sociedade. A lição é preciosa, mas não basta dar limites pessoais para superar a discriminação. De tantos constrangimentos vividos aos oito anos de idade, a exemplo do nome completo citado na hora da chamada, e os deboches recorrentes, adotei um “nome social” e “tornei-me” Celi Santana, guardando para momentos formais, Celinalda Mesquita Santana.

Mais tarde, nos meus estudos sobre o movimento renovador da Educação Física, na primeira graduação, eu entenderia que as condições concretas de produção da existência determinam nossos caminhos como sujeitos individuais e coletivos. Assim, mesmo que eu, ainda criança, somente pretendesse o direito à alteridade ele me seria negado. Ou, olhando do presente, *mulhermestranda* após tantas *pruebas*, compreendo esses “*desafios históricos*” como “*el resultado de una serie de determinantes estructurales comunes a todos - todas e todes - los miembros de una sociedad*” (p.88)

Na ocasião, me movia saber mais a respeito das intersubjetividades, como hoje assim compreendo. Daquele momento, guardo memórias das minhas tentativas solitárias de entender porque, mesmo sendo atleta de natação e handebol, haviam grupos e pessoas aos quais eu não podia acessar e interagir pois eram fechados com alguns “critérios”. O fato de namorar um menino branco me trouxe ainda mais questionamentos. Uma menina negra me expôs publicamente no jornalzinho da escola por ousar namorar um rapaz cuja pele salpicada de pintas não disfarçava o rubor excessivo a qualquer contato mais demorado com o sol. Tento aqui, ao tematizar minha própria existência como um possível *espaçotempo* de formação, no emaranhado das redes societárias que nos constituem, estabelecer relações profícuas entre “*acontecimentos biográficos que se foram constituindo como experiências instituintes da (minha) formação e que vêm das memórias polifônicas da vida, das experiências docentes e da formação acadêmica.*”⁴(BRAGANÇA,2012,p.28)

Na graduação em educação física percebia de forma mais aguda a discriminação. Lembro Cida Bento (2022) quando já nas páginas iniciais do seu trabalho assevera: “*Meus professores foram os principais responsáveis por essa minha sensação de não*

³ MARTUCELLI, Danilo. La individuación, los desafíos sociales y la biografía extrospectiva. www.revistacontenido.com. Cultura y Ciencias Sociales. Convocatoria nº10. Enfoque biográfico y curso de vida: caminos paralelos para un destino común.

⁴BRAGANÇA, I. F. S. Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Available from: doi: 10.7476/9788575114698. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>.

*pertencimento.*⁵”(p.12) Reitero aqui, a perspectiva de pensar minha experiência individual em uma concepção de “*narração latitudinal*” em sua “*dimensão diacrônica*”. Retomo Martucelli (2020) quando aponta que neste ponto de vista as provas estruturais vividas pelas pessoas favorecem seu processo de individuação. Para a *Sociologia da Individuação*, sob o olhar da biografia extrospectiva, “*el objetivo es aislar las pruebas que son, en un momento dado, y en una sociedad dada, históricamente las más significativas (o en el caso de una prueba particular, analizar el trabajo de las estructuras desde y a escala de los individuos.*”(pág 96)

Estes diferentes lugares, hoje percebidos por mim como facetas necessárias a todo ser humano na exploração da sua infinita capacidade de criação, me levaram a buscar novas leituras, e por óbvio, enfrentar outras tantas ‘*pruebas*’ visando consolidar minhas opções *teóricometodológica*, que espero refinar no mestrado em andamento. Me ocorreu a metáfora do balaio trazido por Luiz Rufino (2019)⁶. Neste diálogo com minha *vidaemformação*, trago esse “*balaio de memórias, multiplas sabedorias praticadas ao longo do tempo por aqueles - aquelas - que vieram antes e, no fiar da pertença, da continuidade, da esperança e da utopia, partilharam o sentido do ser e a reinvenção da vida*” (p.130). Nessa expectativa de fazer valer especialmente a luta dos meus pais e das matriarcas que lhes gerou - já que não tive acesso aos meus avós, nem materno, nem paterno - fui buscar dois processos seletivos para a graduação *stricto sensu* em instituições públicas, próximas e já familiares.

A escuta de uma “griot” quando narra o quão insurgente fora se apropriar da trajetória de sua bisavó ao abrir mão da vida de um filho para não vê-lo escravizado em uma roda de conversa me trouxe a certeza de que, mesmo em “fim de carreira” eu deveria seguir meus estudos. Embalei meu sonho com o Professor Nóvoa (1992) quando diz que existe um saber “*experiential*” das/dos docentes mais “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.”

Assim fiz, aprovei nos dois processos aos quais concorri após mais de 30 anos de exercício docente. Me percebendo sempre enquanto *professorapesquisadora* consegui me manter atualizada, e pulsante, no exercício da profissão. Passei! E passei novamente! Mas não estava pronta para todo o desrespeito que sofreria no decorrer de todo o processo seletivo. As armadilhas e trapaças da colonialidade se fazem presente aqui e acolá. E *aqui* pode ser mais próximo do que conseguimos perceber através do *status* com o qual a ‘*academia*’ muitas vezes nos reveste. Estejamos atentos e atentas para não abrir mão da nossa humanidade mesmo nestes espaços onde em nome dela falamos, e escrevemos. Dando um “*rolê epistemológico*”, como sugerido por Rufino, onde a capoeirista “*finge que vai mas não vai*”, percebi que era o momento de *mandingar*, “*entrar no jogo sem exterminar o outro, mas o absorvendo e o transformando em outra coisa, acumulando-o como força vital*”(pág 118). E aqui estou! Axé!

⁵ BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ªed. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

⁶ RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Mórula Editorial. Rio de Janeiro: 2019

Parafraseando o lema do movimento de pessoas com deficiência, defendo hoje, daqui desse lugar, provisório assim como todo o conhecimento que se pretenda ético, *que nada sobre nós seja feito sem a nossa presença* na construção dos processos seletivos para educadores e educadoras. Independentemente dos espaços em que pensemos processos e propostas de formação, ouvir, antes, educadores e educadoras na formatação destes processos seletivos já será de grande valia para não os/as submetermos as perversões herdadas dos processos de colonização onde seres, saberes, poderes e cosmovisões que não sejam advindas das matrizes eurocêntricas não tenham validade epistêmica. Considero aqui que quem sabe sobre a escola, suas potências, limites e “cruzos” possíveis para a construção de projetos ‘outros’ de formação é o Educador e a Educadora que nela atuam e crianças, adolescentes e jovens que nela interagem por anos a fio. Se “a vida é a arte do encontro” ele não acontece sem escuta. Que assim sigamos.

Por ora, aponto aqui para esse desejo de ouvir antes de falar para que falando possa me transmutar em “ubuntu”.

Referências Bibliográficas:

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª ed. Companhia das Letras. São Paulo: 2022

BRAGANÇA, I. F. S. Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Available from: doi: 10.7476/9788575114698. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>.

FREIRE. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz & Terra. São Paulo: 2019.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro. Zahar, 2020.

LARROSSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Jan/Fev/Mar/Abr-2002.

MARTUCELLI, Danilo. La individuación, los desafíos sociales y la biografía extrospectiva. www.revistacontenido.com. Cultura y Ciencias Sociales. Convocatoria nº10. Enfoque biográfico y curso de vida: caminos paralelos para un destino común. 2020

MUNANGA, Kabengele. Negritude, Usos e Sentidos. 4ª ed. 2ª reimp. Editora Autêntica. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: 2020.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Mórula Editorial. Rio de Janeiro: 2019